

Uma análise variacionista da harmonia vocálica do português brasileiro no dialeto de jovens de Porto Alegre

A variationist sociolinguistic analysis of vowel harmony in Brazilian Portuguese in the dialect of Porto Alegre

Dinar Fernandes*

RESUMO: Este estudo investiga, no português brasileiro, a elevação variável das vogais médias em pauta pretônica seguidas de vogal alta em sílaba seguinte, referida como harmonia vocálica, como em av[e]nida~av[i]nida, p[o]lítica~p[u]lítica. Os dados foram analisados quantitativamente à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista de Labov (1965,1972). O tema já foi objeto de análise de diversos pesquisadores no Brasil, como Bisol (1981), Schwindt (1995) e Casagrande (2003). A amostra desta pesquisa faz parte do projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL). Constitui-se de entrevistas de 19 informantes, jovens de 16 a 23 anos, da cidade de Porto Alegre, RS. Uma tentativa de generalização de resultados foi feita com outros estudos. A análise estatística mostrou que a regra de harmonia vocálica é de uso relativamente baixo na comunidade estudada, e a elevação de /e/ é levemente mais frequente do que a de /o/. Quanto a possíveis generalizações, por meio do estudo comparativo, a análise permitiu duas: vogais contíguas na sílaba seguinte a vogal alvo e vogais átonas sem status definido favorecem a elevação de ambas as pretônicas. De acordo com os resultados, constata-se que a regra de harmonia mantém-se como variável estável, como verificado em estudos precedentes.

PALAVRAS-CHAVE: Harmonia vocálica. Vogais pretônicas. Variação sociolinguística. Elevação de vogal.

ABSTRACT: The present study investigates, in Brazilian Portuguese, the variable raising of mid vowels in pretonic context, when followed by a high vowel in the adjoining syllable, referred to as vowel harmony, as in av[e]nida~av[i]nida, p[o]lítica~p[u]lítica. The data analysed quantitatively was based on Variationist Sociolinguistics, Labov (1965,1972). The topic has already been the subject of studies by other scholars in Brazil, such as Bisol (1981), Schwindt (1995), and Casagrande (2003). The sample of this work is part of *Projeto Variação Linguística do Sul do País* (VARSUL). It consists of interviews with 19 young informants, aged 16 to 23, from the city of Porto Alegre, RS. An attempt to generalize results was made with other studies. Statistical analysis showed that vowel harmony rule has a relatively low use amongst the population studied, and raising of vowel /e/ is slightly more frequent than raising of vowel /o/. With regard to possible generalizations through comparative study, the analysis allowed two: a contiguous vowel in the next syllable following the mid vowel, and the stresslessness of the target vowel, which favor the raising of both pretonic vowels. According to the results, the harmony rule has remained as a stable variable as verified in previous studies.

KEYWORDS: Vowel harmony. Pretonic vowels. Sociolinguistic variation. Vowel raising.

* Doutorando em Teoria e Análise Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/CAPES). Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

1. Introdução

Por ser o domínio de diversas regras, a pauta pretônica do português brasileiro tem recebido certa atenção de pesquisadores. A harmonia vocálica (HV), foco deste estudo, é um processo assimilatório regressivo, que tem aplicação variável, e consiste na elevação das vogais médias [e] e [o] diante de uma vogal alta em uma sílaba subsequente, como em av[e]nida~av[i]nida, p[o]lítica~p[u]lítica. Há também outros estudos sobre a pretônica, como a elevação sem motivação aparente (KLUNCK, 2007; CRUZ, 2010; SILVA 2014), em que a elevação ocorre sem a presença de vogal alta na sílaba seguinte, como b[o]neca~b[u]neca, p[e]queno~p[i]queno, p[o]rque~p[u]rque.

Diferentes estudos de HV no dialeto gaúcho foram realizados por Bisol (1981), Schwindt (1995) e Casagrande (2004). A fim de buscar generalidades quanto ao papel de fatores linguísticos e sociais, este estudo verificou a aplicação da HV em uma amostra inédita de 19 jovens¹ de 16 a 23 anos. Tratando-se de uma regra de aplicação variável, o estudo segue a sociolinguística variacionista de Labov (1966, 1972). A análise estatística (JOHNSON, 2015) permite averiguar questões relacionadas ao uso da harmonia, por exemplo, contextos fonológicos em que pode ocorrer. Além disso, realiza-se um estudo comparativo com os resultados de análises anteriores quanto ao estatuto da HV e uma tentativa de generalização de resultados, o que ainda não havia sido efetuado em outras pesquisas.

2. Pressupostos Teóricos

2.1 Harmonia vocálica

Van der Hulst e Van der Weijer (1995) definem a HV como um fenômeno que envolve a relação entre dois segmentos. A abordagem da Geometria de Traços é utilizada com base em Clements e Hume (1995), a fim de mostrar que os traços não se associam diretamente ao esqueleto, mas aos nós de classe aos quais os traços estão associados. Esses nós de classe são associados ao nó de raiz, que por sua vez é associado ao esqueleto, como na Figura 1.

¹ Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) protocolo nº: 17729913.6.0000.5336.

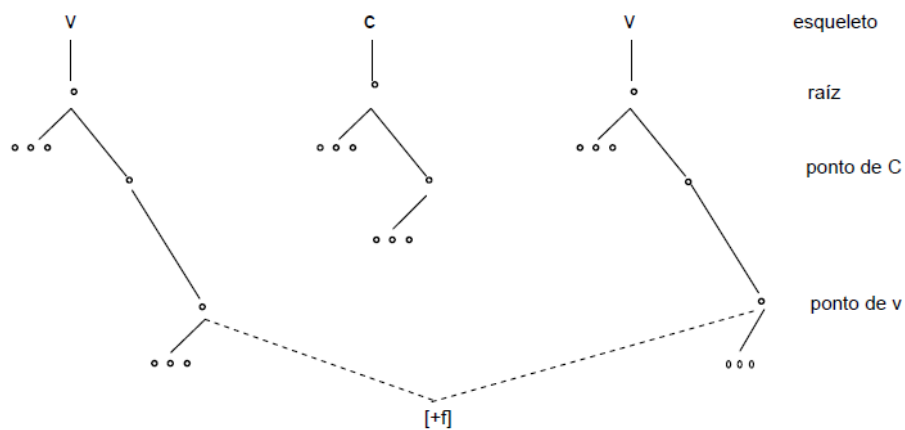


Figura 1 - Representação Geométrica da Harmonia Vocálica (VAN DER HULST e VAN DER WEIJER, 1995, p. 508).

Observa-se na Figura 1 que as consoantes intervenientes não têm um nó de modo-V (vocálico). Há o compartilhamento de traços entre as vogais porque seus nós de classe são adjacentes, o que mostra como a HV ocorre. Os autores descrevem também diferentes tipos de processos de harmonia, que podem envolver tanto a dimensão da raiz da língua, traço ATR, quanto a abertura/altura.

2.2 Harmonia vocálica na geometria de traços

Começa com Goldsmith (1979) o modelo fonológico não-linear, ou autosegmental, em que os traços distintivos passam a ser definidos em suas propriedades acústicas e articulatórias, com relação ao trato vocal. Com vistas a representar a hierarquia entre os traços fonológicos por meio de camadas, surge a Geometria de Traços com Clements (1985) e Clements e Hume (1995). Os traços possuem propriedades autosegmentais como tom, acento e entonação, por exemplo, e podem ser representados de forma autônoma, em uma camada separada. Os elementos estão relacionados uns aos outros por linhas de associação, estabelecendo-se assim um padrão de alinhamento. Nesta abordagem os segmentos são representados em termos de nós hierarquicamente organizados, em nós terminais e nós intermediários, que representam os valores de traços e constituintes, respectivamente, segundo Clements e Hume (1995).

A harmonia vocálica, que é uma assimilação regressiva no português brasileiro, é explicitada adequadamente sinalizando-se o papel de seu traço no processo em termos de graus de abertura, em concordância com a proposta geométrica. Trata-se, pois, do espriamento do traço [-aberto2] dos condicionadores /i,u/ para as vogais alvo /e,o/ da sílaba precedente, como na Figura 2:

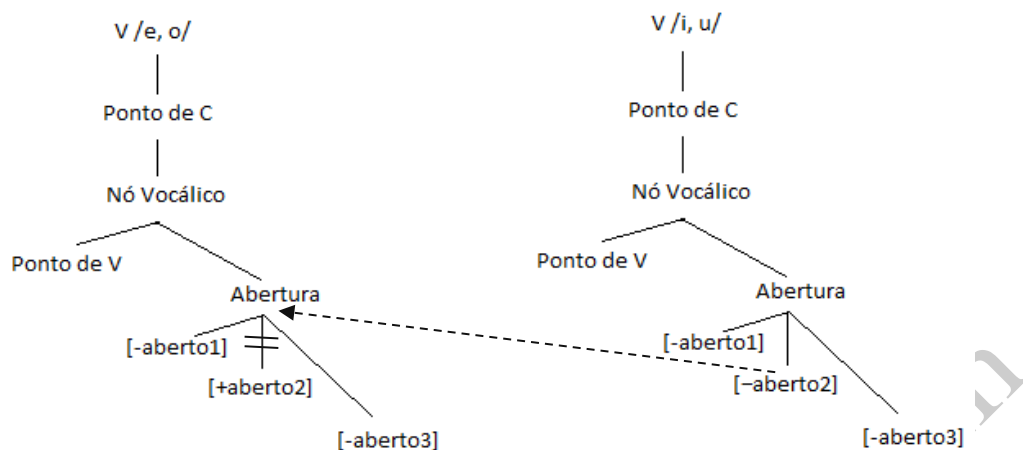


Figura 2 - Harmonia Vocálica pela Geometria de Traços.

Fonte: O autor.

Observa-se na Figura 2 o espriamento do traço aberto. Ocorre o desligamento do traço [+aberto2], que abre espaço para o traço [-aberto2] que se expande.

Ao contemplar a parte interna do segmento, a teoria geométrica oferece recursos adequados para a explicação da HV, e de outros fenômenos, como a nasalização e a neutralização, por exemplo.

2.3 Teoria da variação

Até meados da década de 50, os estudos tidos como estruturalista e gerativista não objetivavam em primeira instância uma análise do componente língua/sociedade de forma empírica. Contudo, a Sociolinguística Quantitativa começou a desenvolver-se nos anos 60 a partir de diversos autores, entre eles, Labov (1966, 1969), nos Estados Unidos. Essa nova linha de pesquisa resgatou a importância da relação entre o uso da língua ou eventos de fala reais e os padrões sociais.

Em um estudo variacionista há certas pressuposições: a análise deve ser quantitativa, ou seja, deve envolver grande número de dados, os quais devem ser obtidos diretamente dos informantes.

O primeiro trabalho variacionista realizado por Labov foi conduzido em 1962, (publicado em obra em 1966) sobre a presença ou ausência do /ɹ/ no final de sílaba no inglês de Nova Iorque como um diferenciador social.

Outro trabalho realizado por Labov (1963) foi a pesquisa na ilha de Martha's Vineyard, que diz respeito à centralização da vogal dos ditongos [ay] (*life*) e [aw] (*house*). Por meio da

estratificação dos dados em faixa etária, etnia, região, entre outros, o objetivo foi depreender os fatores que exerceriam influência no processo de centralização dos ditongos. A partir dos resultados, ficou constatado que os maiores graus de centralização se encontravam nas comunidades de pescadores de meia idade. A pronúncia centralizada pelos habitantes está relacionada ao sentimento de pertencimento à ilha, uma afirmação do status de nativo daquela localidade, reiterando assim o componente-chave da teoria: língua/social.

O termo **regra variável** foi introduzido por Labov (1969) em seu estudo da contração e apagamento da cópula. A análise multivariada referente a este termo é ainda utilizada amplamente hoje em dia para estudos de variação, cujo propósito é o teste de significância dos efeitos de fatores, os quais que podem ser sociais, como gênero, por exemplo, ou linguísticos, como a altura de uma vogal.

Além disso, em estudos variacionistas, torna-se importante fazer a distinção entre variação e mudança linguística. A análise objetiva investigar o estatuto de determinada variável e prever os possíveis efeitos dos fatores linguísticos e sociais. Procura-se verificar quais aspectos influenciam ou motivam regras variáveis, sejam eles sociais, estruturais ou geográficos. Para verificar se há evidências de a variável estar em mudança linguística, a faixa etária se mostra importante. Ao analisarmos sujeitos de diferentes idades, podemos descobrir se uma variável se encontra em progresso ou não, isto é, se é realmente uma mudança linguística ou apenas uma variável estável.

3. Revisão da literatura

3.1 Bisol (1981)

Harmonia Vocálica: uma regra variável (BISOL, 1981) é um estudo quantitativo da harmonia vocálica, na linha da Teoria Variacionista de Labov (1966, 1972). A amostra conta com dados coletados em quatro comunidades distintas do estado do Rio Grande do Sul: cidade de Taquara, região de colonização alemã, Santana do Livramento, região de fronteira, cidade de Veranópolis, região de colonização italiana e parte metropolitana de Porto Alegre, região de colonização açoriana. Todas as amostras são de fala popular, mas o estudo conta também com uma amostra de informantes com curso universitário. Os dados foram submetidos ao programa VARBRUL de análise estatística, de acordo com o modelo de Cedergren & Sankoff (1974).

De acordo com os resultados, a autora afirma que a HV tem uso moderado no dialeto em questão, e que o fator mais relevante para o alçamento da vogal pretônica é a presença de

uma vogal alta na sílaba subsequente às vogais médias /e/ e /o/, como em *v/i/stido* e *c/u/ruja*, constituindo-se um processo assimilatório. Quanto aos fatores linguísticos, a nasalidade mostrou-se favorável à elevação de /e/. Quanto à distância da tônica, posições 1, 2, e 3 mostraram valores aproximados. No que diz respeito à sufixação, a análise mostrou que a vogal alta na base de palavra é mais favorecedora do que a vogal alta em sufixo – o que explica a não ocorrência em diminutivos. Os valores baixos do sufixo de palavra como do tipo "-íssimo" e "-zinho" apontam para inibição. Quanto ao contexto fonológico precedente mostraram-se favorecedores para elevação de /e/ as consoantes: velar, palatal, labial (apenas para metropolitanos de falar popular), alveolar (apenas para metropolitanos de fala popular). Para elevação de /o/, os números significativos figuram para as consoantes: labiais e velares. Quanto ao contexto fonológico seguinte, para elevação de /e/ foram favorecedores: velar, palatal (números altos com diminuição nos grupos de fronteiriços e metropolitanos de fala culta). E para elevação de /o/ as consoantes que figuram com números mais altos foram: labial, palatal e velar (apenas no grupo dos alemães).

Entre os fatores extralinguísticos, a etnia mostrou-se um fator relevante, pois a regra é mais utilizada por metropolitanos e menos utilizada pelos fronteiriços. O sexo dos informantes não demonstrou relevância. A autora afirma cautelosamente que os jovens tendem a usar menos a regra do que os mais velhos. Como a regra ocorreu tanto na fala popular quanto na fala culta, não é estigmatizada.

Por fim, a regra de harmonia vocálica foi considerada como uma regra variável que faz parte do sistema da língua, por ser possível captar a sua organização interna. É um processo de assimilação que se estende de uma vogal alta para a vogal média precedente, mas pode estender-se a mais de uma vogal.

3.2 Schwindt (1995)

A Harmonia Vocálica em Dialectos do Sul do País: uma Análise Variacionista (SCHWINDT, 1995) é um estudo baseado no modelo de análise da Teoria da Variação (LABOV, 1966) com dados das capitais do sul do país: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, que integram o Projeto Variação Linguística no Sul do País – VARSUL. A amostra compreende 12 informantes de cada capital, um total de 36. Os dados foram submetidos à análise estatística pelo Pacote VARBRUL (CEDERGREN; SANKOFF, 1974).

A regra de harmonia vocálica tem uso moderado, de acordo com os resultados da amostra. O principal condicionador da elevação é a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente contígua. No contexto das vogais orais, a regra mostra-se mais operante, principalmente para /o/. A elevação não encontra obstáculos nas vogais átonas permanentes e nos casos de átonas sem status definido. No caso das últimas, a elevação deve-se, sobretudo, à abundância de vogais altas nos paradigmas dos verbos de terceira conjugação e irregulares de segunda conjugação. Quanto à variável contexto fonológico precedente, são motivadores para /e/ a pausa (vogal inicial precedida por pausa) e, para /o/, as consoantes palatal e velar. No contexto fonológico seguinte são motivadores para /e/ as consoantes velar e alveolar (não-líquida), e para /o/, a consoante alveolar. Em oposição às terminações nominais, as terminações verbais exercem influência significativa na elevação da vogal /o/. No que diz respeito à escolaridade dos informantes, quanto mais anos de estudo menos ocorre a elevação da pretônica, o que aponta para um controle exercido pela escrita na ação da regra.

3.3 Casagrande (2004)

Casagrande (2004) realiza análise em tempo real² da regra de HV em Porto Alegre, com dados de fala de duas épocas distintas: final da década de 70 e final da década de 90, com base na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1965, 1972, 1994). A amostra é constituída de 24 informantes, 12 para o estudo de painel (seis recontatados do Projeto NURC) e 12 para o estudo de tendências (Banco de dados VARSUL). Todos os informantes possuem nível superior. No total, a pesquisa conta com 5.538 dados, sendo 2.933 para vogal /e/ e 2.605 para vogal /o/. Os dados foram classificados de acordo com variáveis linguísticas e sociais e submetidos à análise estatística nos programas do Pacote VARBRUL.

Para a amostra de 90, as variáveis selecionadas pelo programa como relevantes são: 1) Contiguidade e Tonicidade, 2) Contexto Fonológico Seguinte, 3) Atonicidade do Alvo, 4) Nasalidade do Alvo, 5) Relações Paradigmáticas, e 6) Faixa Etária. Devido aos resultados se assemelharem em grande parte aos resultados da análise da amostra de 70, Casagrande apresenta somente os que se diferenciaram.

² Na análise em tempo real a comunidade de fala é observada em dois momentos de tempo distintos, e diferenças entre essas duas observações podem apontar para uma resposta a uma possível mudança linguística. Difere da análise em tempo aparente, em que a distribuição das variáveis linguísticas acontece entre faixas etárias em um mesmo momento. (LABOV, 1994).

Para a vogal /e/, quanto à contiguidade e tonicidade, a tônica alta imediata é o condicionador mais forte, seguindo-se a pretônica e a tônica altas. No que diz respeito ao contexto fonológico seguinte, as consoantes velares tendem em ambas as amostras a favorecer o processo. As consoantes palatais apresentam comportamento neutro e as consoantes alveolares e labiais mostraram-se inibidoras do processo. Na variável tipo de sufixo, entre os fatores analisados, a presença de afixo verbal favorece o alçamento da vogal média. Os resultados apresentados para a variável atonicidade do alvo mostraram que há maior probabilidade de aplicação da regra em palavras cuja vogal média é sempre átona, isto é, nunca recebe o acento principal. Quanto à nasalidade do alvo, o contexto fonológico simultâneo mais favorecedor é o nasal. Por fim, no que diz respeito às relações paradigmáticas, os resultados indicam que há maior probabilidade de aplicação da regra em vocábulos cuja base também é variável do que em derivados de base não variável.

Para a vogal /o/, as variáveis selecionadas pelo programa pela ordem de relevância são: 1) tonicidade; 2) contexto precedente; 3) nasalidade; 4) contexto seguinte; 5) atonicidade da vogal alvo; 6) sufixo com vogal alta; 7) relações paradigmáticas; 8) gênero. Quanto ao contexto precedente, consoantes velares e labiais exercem influência relevante. A vogal /e/ nasalizada apresenta maior tendência à elevação do que a vogal /o/. Quanto ao contexto fonológico seguinte, a consoante palatal possui valores mais significativos como favorecedora da regra, e as consoantes alveolares mantêm os índices mais baixos. Quanto à atonicidade do alvo, o fator mais relevante é a átona permanente. Na variável Sufixo, os fatores que mais favorecem o alçamento são: a presença de afixo verbal e ausência de sufixo derivacional. Para a variável relações paradigmáticas, da mesma forma que para a vogal /e/, vocábulos com base variável tendem a favorecer a elevação da vogal em seus derivados.

O Estudo de Painel levou a autora a concluir que os falantes relativamente mais velhos (40 e 70 anos) produzem mais a elevação, tanto para a vogal /e/ quanto para a vogal /o/. Os falantes da faixa intermediária (30 e 60 anos) tendem a diminuir o uso da regra à medida que avançam na faixa etária, para ambas as vogais.

Os resultados da análise levaram à conclusão de que os falantes parecem alterar a frequência de uso da harmonia vocálica, na direção de decréscimo, de acordo com Casagrande (2004). Há a diminuição da elevação na amostra de final de 90, em comparação com os resultados apresentados na amostra de final de 70. A análise em tempo real revela também que há um decréscimo no uso da regra no final da década de 90.

4. Metodologia

A amostra que constitui este estudo foi coletada em 2004 na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e é parte do banco de dados do VARSUL³. Consiste em 19 entrevistas de 30 minutos. Todos os informantes são alunos do ensino médio de escolas públicas, particulares e cursos pré-vestibular. Os informantes são divididos em 10 homens (entre 16 e 23 anos) e 9 mulheres (entre 17 e 21 anos).

Primeiramente, palavras que possuíam mais de uma vogal média /e,o/ tiveram as ocorrências analisadas individualmente para cada uma das pretônicas existentes, como em *consegui, conhecido*.

Outro caso a ser considerado é a exclusão de alguns vocábulos em determinados ambientes, por favorecerem a regra de forma quase categórica ou por exercerem forte inibição da regra (SCHWINDT, 1995; BISOL, 1981):

- a) /eN/, /eS/, e /deS/ (prefixo) (como em embutir, estudar, desligar);
- b) vogais em ditongo (como reunir, proibir);
- c) vocábulos compostos (porco-espinho, verde-escuro).

A variável dependente da pesquisa é a realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ como vogais altas /i/ e /u/ seguidas de vogal alta. As variáveis independentes linguísticas consideradas foram: Homorganicidade, Contiguidade, Nasalidade da vogal, Atonicidade da vogal, Classe Gramatical, Tipo de Sílabas, Contexto fonológico precedente, Contexto fonológico seguinte. As variáveis independentes sociais foram: Gênero, Faixa Etária, Escolaridade.

Após a escuta das entrevistas e levantamento dos dados, foi realizada a codificação. O instrumento estatístico utilizado, Rbrul (JOHNSON, 2015), tem por fim o estudo dos dados para a análise das regras variáveis e analisa o efeito dos múltiplos fatores que podem interferir na variável dependente. O Rbrul funciona com regressões múltiplas como *one-level*, *step-up* e *step-down*, com dados binários.

A análise *step-up* é uma análise progressiva, a qual vai de forma crescente combinando as variáveis independentes durante a rodada. A análise *step-down* é uma análise regressiva,

³<http://www.varsul.org.br/>

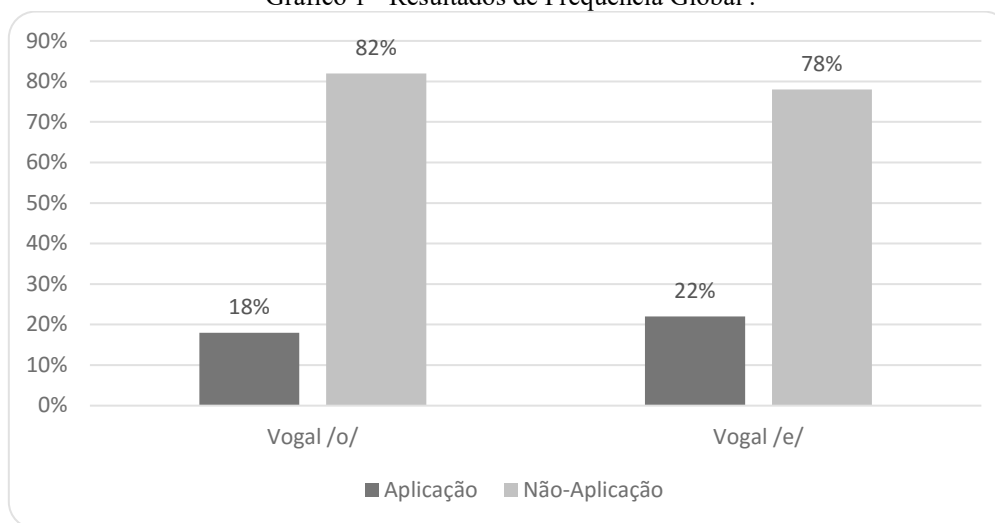
entre outras palavras, e é uma confirmação do *step-up*. Ela analisa combinações de forma decrescente, ou seja, tirando as variáveis e verificando quais devem permanecer em termos de significância. O programa Rbrul interpreta diferentes formatos como *Word*, *Excel* e *Bloco de Notas*. Há opções para ajuste de dados, recodificação, por meio dos quais é possível fazer amálgamas de fatores das variáveis. Após os ajustes definitivos, realiza-se a análise *step-up/step-down* na qual o programa seleciona as variáveis relevantes para a pesquisa em termos de: **a) log-odds**: São os coeficientes do modelo de regressão, que podem ser positivos ou negativos. Quanto mais alto for o valor, maior o efeito do fator; **b) peso relativo**: são os valores de *log-odds* convertidos para uma escala de 0.00 a 1,00, facilitando a leitura. O ponto neutro é 0,5. Quando um fator é maior que 0,5 favorece a regra, e menor de 0,5 desfavorece. **c) proporção**: A proporção é a taxa de aplicação de cada fator da variável (%); **d) desvio padrão**: é uma medida de adequação do modelo aos dados. Em outros termos, informa sobre quanto os dados reais desviam das predições do modelo. Quanto menor esse valor, melhor é a adequação. **e) média geral**: Esta é a proporção entre o valor de aplicação da resposta e o total dos dados, ou seja, a frequência global da variável dependente.

5. Resultados

5.1 Resultados de frequência global para as vogais

Foram levantadas 1.048 ocorrências para a vogal /o/ pretônica, com um total de 188 aplicações da regra, isto é, 18% foram produzidas como [u]. Para a vogal /e/, foram levantadas 1.449 ocorrências, com um total de 321 aplicações da regra, isto é, 22% foram produzidas como [i]. Por meio da análise do Rbrul, obteve-se a proporção global de aplicação da regra, representada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Resultados de Frequência Global .



Fonte: O autor.

Os percentuais da variável dependente revelam que as vogais médias /e/ e /o/ são preferidas pelos informantes em relação a sua emissão com elevação, [i] e [u].

A não-aplicação da regra de harmonia vocálica apresenta um total de 82% ou 860 ocorrências para /o/, e um total de 78% ou 1.130 ocorrências para /e/.

As variáveis selecionadas pelo programa estão expostas no Quadro 1. Os resultados foram obtidos das seguintes rodadas:

Quadro 1 - Variáveis Selecionadas Pelo Programa por Ordem de Relevância.

Vogal /o/	Vogal /e/
Rodada 1	
Contiguidade	Contexto precedente
Contexto precedente	Contiguidade
Nasalidade	Nasalidade
Escolaridade	Homorganicidade
Homorganicidade	Escolaridade
Rodada 2	
Contexto seguinte	Contexto Seguinte
Tipo de sílaba	Classe Gramatical
Atonicidade da vogal	Atonicidade da Vogal
Gênero	Tipo de sílaba
	Gênero

Fonte: o autor.

Observa-se que as mesmas variáveis foram escolhidas pelo programa tanto para a vogal /o/ quanto para a vogal /e/, com exceção da variável classe gramatical, escolhida apenas para /e/.

5.2 Discussão

Neste subitem discutiremos os resultados obtidos, expostos em tabelas, referentes às variáveis selecionadas pelo programa estatístico Rbrul.

Tabela 1- Homorganicidade.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Heterorgânicas comida; segunda	164/847	19,4 %	0,58	0,355	89/257	34,6%	0,56	0,241
Homorgânicas solução; vestido	24/201	12 %	0,41	-0,355	232/1192	19,5%	0,44	-0,241
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179 Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222

A Tabela 1 indica que a heterorganicidade favorece tanto a vogal [+post], quanto a vogal [-post]. Esse fator mostra-se pouco acima do ponto neutro para ambas as vogais, apresentando peso relativo de 0,58 para /o/ e 0,56 para /e/, em oposição às homorgânicas, como 0,41 e 0,44, respectivamente.

Os resultados não estão de acordo com as expectativas, mas há aspectos em comum. Em Bisol (1981) a homorganicidade é mais favorecedora para ambas as vogais, mas para /o/ têm-se um valor próximo do fator heterorgânico. Para Schwindt (2002), essa variável foi selecionada apenas para /e/, e o fator homorgânico apresenta maior favorecimento, com peso relativo de 0,54. Entretanto, Schwindt (1995) constatou maior favorecimento do fator heterorgânico para /o/, como nesta análise, e seus resultados de /e/ também se mostram relativamente próximos, isto é, os fatores de homorganicidade e não-homorganicidade apresentam o mesmo percentual.

Dos resultados desta pesquisa, estima-se o seguinte: há nos dados 257 vocábulos heterorgânicos com as vogais /e, u/, e desses, 89 vezes aparecem as palavras *segundo/segunda*, o que equivale a 35%, isto é, mais de um terço. Esse vocábulo tem aplicação quase categórica de HV, pois apenas 11 vezes não ocorreu sua aplicação. A frequência lexical, neste caso específico, justifica os resultados encontrados.

Bisol (1981), ao explicar o poder assimilatório da vogal /i/ sobre ambas as vogais pretônicas, baseia-se no diagrama de Daniel Jones (1957), com uma reflexão fonética quanto à posição que as vogais ocupam na cavidade bucal. Assim, “a mais alta posição da língua é a que corresponde a vogal /i/, enquanto /u/ se põe em diagonal com /e/, dele não se distanciando tanto

em altura quanto /i/ se distancia de /e/.” (BISOL, 1981, p. 114). Por conseguinte, a vogal alta posterior é menos alta que a anterior, o que justifica os resultados.

Na Tabela 2 estão expostos os resultados referentes à variável contexto precedente à vogal-alvo.

Tabela 2 - Contexto precedente.

FATOR	Vogal /o/				FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Labial bonita	100/260	38,5%	0,98	4.311	Sibilante serviço	168/270	62,2%	0,98	3,967
Velar comida	68/470	14,5%	0,97	3.738	Velar queridinho	66/177	37,3%	0,97	3,625
Palatal e Pós-Alveolar joguinho	1/8	12,5%	0,92	2.436	Palatal e Pós-Alveolar jejum	18/87	20,7%	0,91	2,331
Alveolar Procuro	18/169	10,7%	0,87	1.958	Labial bebida	41/385	10,6%	0,84	1,688
Sibilante Solução	1/34	2,9%	0,78	1.263	Alveolar preciso	28/460	6,1%	0,73	1,015
Sem contexto hospital	0/107	0%	<0,001	-13.706	Sem contexto edifício	0/70	0%	<0,001	-12,624
TOTAL:	188/1048					321/1449			
Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179					Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222				

Para a vogal /o/, tem-se a seguinte ordem: consoantes labiais, velares, palatais e pós-alveolares, alveolares, sibilantes, e por fim, sem contexto ou pausa, como *hospital*, *horível*. Para a vogal /e/ a ordem é a seguinte: consoantes sibilantes, velares, palatais e pós-alveolares, labiais, alveolares. O fator sem contexto se mostra desfavorecedor. Observa-se na tabela que as consoantes com articulação alta, velares, palatais e pós-alveolares, favorecem a regra de harmonia vocálica, um contexto esperado em uma regra com motivações de natureza fonética.

Em conformidade com a análise de Casagrande (2004), temos a mesma ordem de fatores selecionados como favorecedores para a vogal /o/, isto é, labial, velar, palatal e alveolar, porém, com pesos relativamente mais altos. Nessa análise o contexto precedente não foi escolhido para a vogal /e/.

O fator mais favorecedor para a vogal /o/ é a consoante labial, com peso relativo de 0,98, em palavras como *bonita~bunita*, *motivo~mutivo*. Conforme Bisol (1981), esse

favorecimento se explica pela similaridade fonética existente entre a vogal e a consoante, pois ambas compartilham o traço de labialidade [+arredondado].

Quanto à vogal /e/, nesta pesquisa, mostram-se mais favorecedoras as consoantes sibilantes /s, z/, em palavras como *segurança~sigurança; segunda~sigunda*, assim como em Schwindt (2002), em que as consoantes sibilantes também foram subdivididas separadamente das alveolares.

Embora não tenha sido possível fazer uma generalização da variável contexto precedente com estudos anteriores, muitos aspectos são coincidentes.

A próxima variável a ser discutida faz referência à nasalidade da vogal alvo, exposta na Tabela 3.

Tabela 3 – Nasalidade.

FATOR	Vogal /o/				FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Nasal Fonética monitor	72/176	40,9%	0,86	1,873	Nasal Fonética menina	20/75	26,7%	0,66	0,679
Vogal Oral polícia	111/613	18,1%	0,59	0,381	Vogal Oral serviço	269/1272	21,1%	0,41	-0,329
Nasal Fonológica computador	5/259	1,9%	0,09	-2,254	Nasal Fonológica sentido	32/102	31,4%	0,41	-0,350
TOTAL:	188/1048					321/1449			
Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179					Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222				

Para fins de investigação essa variável foi dividida em dois fatores: nasalidade fonética e nasalidade fonológica, ao lado da vogal oral.

A Tabela 3 mostra a nasalidade fonológica como não-favorecedora para ambas as vogais, com peso relativo de 0,09 para /o/, em palavras como *computador~cumputador, continuar~cuntinuar*, e peso de 0,41 para /e/, como em *vendido~vindido, sentido~sintido*. Nota-se que a nasalidade se mostra desfavorecedora da regra para a vogal posterior /o/. O fator correspondente à vogal oral apresenta índice relativamente alto para /o/, de 0,59, e desfavorecedor para /e/, 0,41.

Bisol (1981), Schwindt (2002) e Casagrande (2004) constataram também não-favorecimento da nasalidade sobre a vogal /o/. Porém, mostram alguma influência dessa variável sobre a vogal /e/, o que não constatamos em nossos dados.

No que concerne à contiguidade, temos quatro fatores expostos na Tabela 4.

Tabela 4 – Contiguidade.

FATOR	Vogal /o/	FATOR	Vogal /e/
-------	-----------	-------	-----------

	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Sequência corrigirem	34/124	27,4%	0,8	1,384	Alta na Tônica Contígua vestido	289/774	37,3%	0,82	1,549
Alta na Tônica Contígua corrida	131/387	34%	0,79	1,376	Sequência decidido	13/217	6%	0,47	-0,119
Alta na Pretônica Contígua computador	20/294	7%	0,56	0,253	Alta na Pretônica Contígua perguntar	13/285	4,6%	0,33	-0,710
Alta na Tônica Não Contígua formatura	3/243	1,2%	0,04	-3,013	Alta na Tônica Não Contígua literatura	6/173	3,5%	0,32	-0,720
TOTAL:	188/1048					321/1449			
Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179					Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222				

Em Bisol (1981), Schwindt (2002) e Casagrande (2004), os resultados mostram que a contiguidade tem papel relevante, o que se confirma aqui. Podemos afirmar que o fator mais importante é uma vogal alta tônica contígua. Encontramos o mesmo resultado para a vogal /e/: o fator de alta na tônica contígua se mostra favorecedor, com peso de 0,82. Entretanto, para /o/, o fator vogais altas em sequência se destaca, seguido do fator vogal alta tônica contígua, com apenas um décimo de diferença entre os pesos relativos (0,8 e 0,79).

Para fins de comparação e busca de possíveis generalizações, essa variável foi amalgamada em apenas com 2 fatores, contíguo e não-contíguo. Portanto, realizou-se uma nova rodada. A nova variável amalgamada foi escolhida pelo programa estatístico para as duas vogais médias. O ponto a ser salientado é que a vogal alta contígua, uma ou mais de uma, constitui o fator relevante para as duas vogais pretônicas, com pesos relativos de 0,87 para /o/ e 0,69 para /e/, e a não-contígua apresenta valores mínimos.

Os resultados referentes ao papel das consoantes seguintes as vogais médias alvo estão expostos na Tabela 5.

Tabela 5 - Contexto Seguinte.

FATOR	Vogal /o/				FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Sibilante posição	58/228	25,4%	0,99	4,621	Velar segurança	142/208	68,3%	0,92	2,503
Alveolar boliche	80/272	29,4%	0,98	4,151	Palatal e Pós-Alveolar jejum	44/232	19%	0,53	0,129
Labial obrigatória	38/290	13,1%	0,95	3,103	Alveolar religiosa	85/511	16,6%	0,44	-0,207
Palatal e Pós-Alveolar conheci	12/160	7,5%	0,89	2,131	Sibilante vestido	43/351	12,3%	0,37	-0,512
Velar corrida	0/98	0%	<0,001	-14,006	Labial repetir	7/147	4,8%	0,12	-1,914
TOTAL:	188/1048					321/1449			

Desvio: 785,232 p<0,05 Média: 0,179 Desvio: 1032,146 p<0,05 Média: 0,222

Para a vogal /o/, têm-se a seguinte ordem: consoantes sibilantes, alveolares, labiais, palatais e pós-alveolares, velares; e para a vogal /e/, consoantes velares, palatais e pós-alveolares, alveolares, sibilantes, labiais.

Podemos dizer que a elevação de /o/ tem como fatores mais favorecedores as consoantes sibilantes, alveolares e labiais, e altamente não-favorecedores, as velares. As sibilantes estão em conformidade com Schwindt (2002), se apresentam favorecedoras, com valores relativamente acima do ponto neutro.

Quanto à elevação de /e/, o favorecimento é apenas para as consoantes velares, com peso de 0,92, e as palatais e pós-alveolares, logo acima do ponto neutro. A força da consoante velar para elevação de /e/ está em conformidade com Bisol (1981) e Schwindt (1995, 2002) e Casagrande (2004).

Assim como a variável contexto precedente, não foi possível fazer uma generalização da variável contexto seguinte com pesquisas anteriores, mas os resultados são coincidentes.

A variável exposta na Tabela 6 diz respeito ao tipo de sílaba em que se encontra a vogal média alvo. Foi separada em dois fatores: sílaba sem coda e sílaba com coda.

Tabela 6 - Tipo de Sílaba.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Sílaba Sem Coda bonita; legume	148/641	23,1%	0,70	0,883	282/1053	26,8%	0,60	0,415
Sílaba Com Coda condição; vestido	40/407	9,8%	0,29	-0,883	39/396	9,8%	0,39	-0,415
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 785,232 p<0,05 Média: 0,179 Desvio: 1032,146 p<0,05 Média: 0,222

Os resultados estão de acordo com o esperado. Para ambas as vogais, as sílabas sem coda mostram-se favorecedoras a regra de alçamento, com pesos de 0,70 e 0,60 para /o/ e /e/, respectivamente. Quanto ao fator de sílaba com coda, nesta análise, apresenta-se com valores baixos, pesos relativos são de 0,29 para /o/ e 0,39 para /e/.

Com relação à atonicidade da vogal alvo, os resultados estão apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 - Atonicidade da Vogal.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Átona sem status definido poder, podes, podia;	22/56	39,3%	0,84	1,662	147/298	49,3%	0,81	1,449
Átona permanente procurar, segundo	164/921	17,8%	0,57	0,313	170/985	17,3%	0,53	0,150
Átona Casual médico, medicina	2/71	2,8%	0,12	-1,975	4/166	2,4%	0,16	-1,599
TOTAL:	188/1048				321/1449			

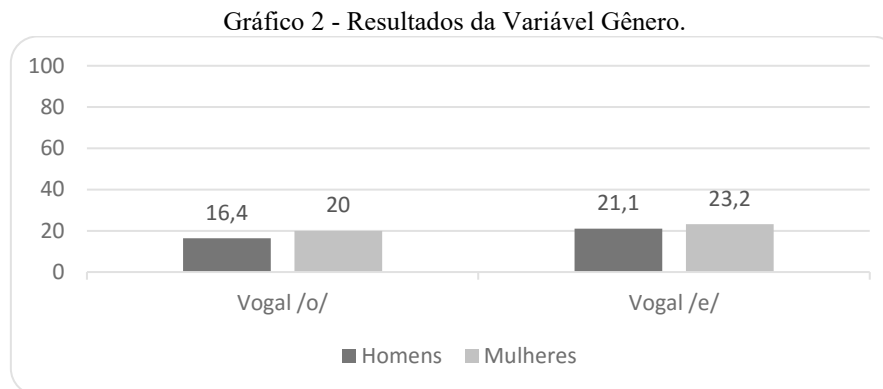
Desvio: 785,232 p<0,05 Média: 0,179 Desvio: 1032,146 p<0,05 Média: 0,222

Os dados mostram que há maior probabilidade de a regra se aplicar em palavras cuja vogal média é átona sem status definido, a átona de verbos. Na conjugação verbal, esses alternam ora com as vogais médias fechadas /e,o/, ora com as médias abertas, [ɛ, ɔ], ora como altas [i,u], como em *poder, pode, podia; ferir, fere, firo*. (Atenta-se para o fato de que apenas as palavras com vogal alta entraram em nossa amostra, *podia e ferir*, por exemplo.)

Em Bisol (1981) e Casagrande (2004), o fator mais favorecedor à regra é a átona permanente, porém ambas autoras apontam para um ambiente expressivamente motivador, a átona sem status definido, o que justamente se manifesta neste estudo, com pesos relativos de 0,84 para /o/ e 0,81 para /e/. A vogal átona permanente segue como favorecedora, porém apresentando índices um pouco mais baixos do que o primeiro fator, pouco acima do ponto neutro.

Quanto à variável Classe Gramatical, foi constituída de dois fatores e escolhida como relevante pelo programa estatístico apenas para a vogal média /e/, o que revelou que os verbos oferecem melhor contexto para aplicação da regra, com peso relativo de 0,63. Os nomes não apresentam índice favorecedor, apenas 0,36.

Passemos para as variáveis não linguísticas. No que se refere à variável Gênero, as mulheres mostram-se mais atuantes, pois os resultados mostram percentuais mais altos do que para os homens.



De acordo com o Gráfico 2, as proporções de aplicação da HV pelas mulheres são levemente superiores às proporções de aplicação pelos homens, embora a diferença não seja expressiva. Quanto à escolaridade, os resultados encontrados estão expostos na Tabela 8. Tanto para /o/ quanto para /e/ os dados mostram que, quanto maior o nível de estudos, mais se aplica a regra.

Tabela 8 – Escolaridade.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Ensino Médio e Pré-Vestibular	105/493	21,3%	0,56	0,247	148/697	21,2%	0,54	0,175
Ensino Médio	83/555	15%	0,43	-0,247	173/752	23%	0,45	-0,175
TOTAL:	188/1048				321/1449			
	Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179				Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222			

Todavia, a diferença entre os dois níveis de escolaridade é pequena, sugerindo talvez uma maior estratificação para a amostra.

Ao estabelecer um comparativo dos resultados encontrados em nossa pesquisa com relação a outros estudos de mesmo tema, obtivemos resultados significativos e equiparáveis. No que concerne às variáveis extralinguísticas, não possuímos nenhum indício de que fatores sociais possam estar exercendo alguma interação na regra, exceto o uso relativamente mais acentuado de HV pelo gênero feminino, como já foi constatado em outros estudos de regras variáveis anteriormente.

6. Generalização de resultados de estudos de harmonia vocálica no dialeto gaúcho

Retomamos neste item nossos resultados com o objetivo de compará-los aos de pesquisas precedentes realizadas com dados do dialeto gaúcho e, então, tecer generalizações sobre o estatuto da HV, se variação em progresso ou variação estável. Sobre métodos de comparação e generalização de dados sociolinguísticos, apoiamo-nos em Bailey e Tillery (2004) ⁴.

Foram extraídas dos trabalhos analisados informações a respeito da origem dos dados, constituição das amostras e estratégias de composição das variáveis. Devido aos pesquisadores utilizarem diferentes métodos para composição de seus estudos, houve problemas na generalização que se pretendia. Ainda assim, conseguimos encontrar resultados comuns e justificados que indicam um comportamento geral da regra.

São 4 as pesquisas sobre harmonia vocálica no dialeto gaúcho que consideramos, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Pesquisas Utilizadas na Revisão.

Autor	Ano	Denominação
Bisol	1981	E1
Schwindt	1995	E2
Schwindt	2002	E3
Casagrande	2004	E4

Há uma diferença significativa no estudo de Bisol (1981) em relação aos que o seguiram, pelo fato de a autora ter levado em conta todas as vogais médias em pauta pretônica, isto é, também aquelas em que não havia vogal alta na sílaba seguinte. A partir disso, estima-se que, de fato, é a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente o principal condicionador da regra de HV.

No Quadro 3 expomos detalhes dos estudos no que diz respeito às amostras da cidade de Porto Alegre.

⁴ Bailey e Tillery (2004), ao criticarem métodos tradicionais em sociolinguística, apresentam questionamentos necessários a serem considerados em estudos no sentido de alcançar generalizações e resultados confiáveis. Utilizando uma variedade de estudos bem documentados, os autores fornecem diversos exemplos específicos de questões metodológicas e possíveis efeitos de interferência do entrevistador em pesquisas sociolinguísticas.

Quadro 3 - Características das Amostras de Porto Alegre de E1, E2, E3, E4, E5.

Autor/ Ano	Cidades/ Informantes	Total de Informantes	Faixa Etária	Escolaridade	Gênero	Grupo Geográfico (etnia)
E1 Bisol (1981)	Porto Alegre	12 informantes	25-35 36-45 46-55 56 ou mais	Superior	Masculino Feminino	Metropolitanos
E2 Schwindt (1995)	Porto Alegre	12 informantes	25-50 50 ou mais	Primário Ginasial Secundário	Masculino Feminino	Metropolitanos
E3 Schwindt (2002)	Porto Alegre	16 informantes	25-50 50 ou mais	Primário Segundo Grau	Masculino Feminino	Metropolitanos
E4 Casagrande (2004)	Porto Alegre	12 informantes	25-35 36-45 46-55 56 ou mais	Superior	Masculino Feminino	Metropolitanos
E5 Fernandes (Nossos Dados)	Porto Alegre	19 informantes	16-19 20-24	Ensino Médio Curso Pré- Vestibular	Masculino Feminino	Metropolitanos

Todos os valores expostos são do dialeto porto-alegrense, embora com algumas diferenças relativas à idade, entre essas:

- a) Em E1 e E4 foram divididas quatro faixas etárias: 25-35, 36-45, 46-55, 56 +.
- b) E2 e E3 foram selecionadas duas faixas etárias: 25-50, 50 +.
- c) E5, nesta pesquisa, temos as faixas 16-19, 20-24, não presente em outros estudos.

Por realizar análise em tempo real, estudo de tendência, em que o investigador volta à mesma comunidade de um estudo precedente, escolhe informantes e obtém os dados usando os mesmos critérios, a pesquisa de recontato de Casagrande (E4) é diretamente comparável à Bisol (E1), pois as variáveis e os fatores escolhidos permaneceram os mesmos. Do estudo de Bisol, delimitamo-nos apenas à fala culta de Porto Alegre, que contou com um total de 2.364 ocorrências para a vogal /e/ e 2.128 ocorrências para a vogal /o/. Em Casagrande, os números são semelhantes: 2.121 ocorrências para a vogal /e/ e 1.930 para a vogal /o/. Observam-se as duas amostras na Tabela 9.

Tabela 9 - Aplicação da regra de HV para /e/ e /o/ de Bisol e Casagrande.

Amostra de Final de 70 (Bisol)				Amostra de Final de 90 (Casagrande)			
/e/		/o/		/e/		/o/	
Total/Aplic.	%	Total/ Aplic.	%	Total/ Aplic.	%	Total/Aplic.	%
503/2.364	21	465/2.128	22	300/2.121	15	271/1.930	14

(CASAGRANDE, 2004, p. 72)

Há um breve decréscimo no uso da regra de HV no período de tempo entre a primeira amostra e no recontato, respectivamente, Bisol e Casagrande.

Ao compararmos os estudos E2 e E3 com este trabalho, elencamos as seguintes variáveis, conforme o Quadro 4:

Quadro 41 - Variáveis Consideradas nos Estudos de Harmonia Vocálica.

	Homorg.	Contiguidade	Nasalidade	Atonicidade da Vogal	Classe Gramatical	Tipo de Sílabas	Contexto Precedente	Contexto Seguinte	Localização Morfológica
E2									
E3									
E5									

Observa-se que somente duas generalizações são possíveis, pois há diferenças entre as amostras (quadros sombreados) não só em relação à quantidade de dados, mas também em relação à subclassificação dos fatores das variáveis. As possibilidades são as variáveis contiguidade e atonicidade da vogal.

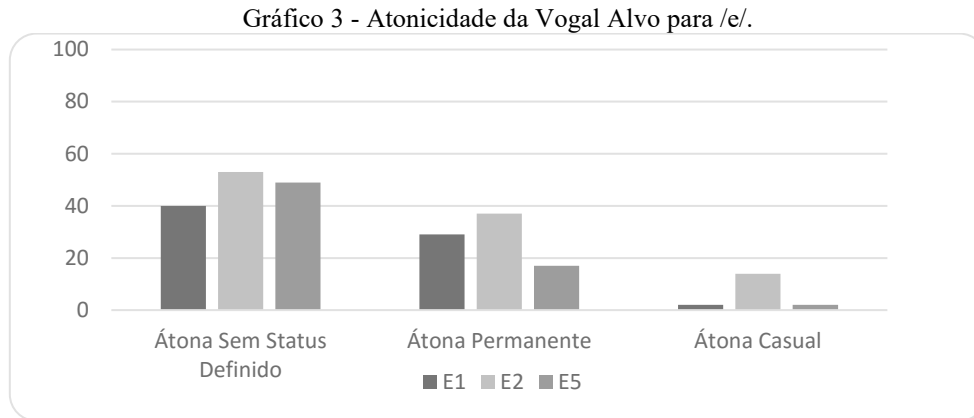
A Tabela 10 mostra os dados da contiguidade.

Tabela 10 - Dados da Contiguidade em E3 e E5.

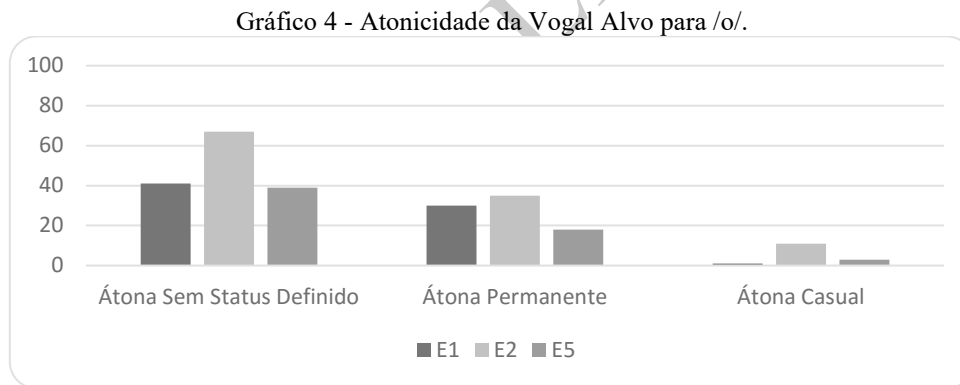
	Contíguo		Não-Contíguo	
	/e/ Menina	/o/ coriza	/e/ negativo	/o/ cobertura
E3	40%	47%	13%	18%
E5	25%	23%	3%	1%

Esses resultados são expressivos, pois os valores permitem afirmar que a contiguidade é um fator relevante na harmonia vocálica. Os resultados estão de acordo com as expectativas.

Quanto à variável atonicidade da vogal alvo, ao compararmos este estudo com os dados de Bisol (1981), e os dados gerais de Schwindt (1995), observamos resultados semelhantes conforme exposto no Gráfico 3:



Há algumas diferenças apenas em relação ao número de dados da amostra no Gráfico 3. Nos 3 estudos, a ordem dos fatores permanece a mesma: a átona sem status definido apresenta-se com maiores índices, a átona permanente com valores intermediários, e a átona casual com os valores mais baixos. Os mesmos resultados quanto à relação de fatores desta variável foram encontrados para a vogal /o/, exposta a seguir no Gráfico 4.



Percebe-se a generalidade principalmente no fator átona sem status definido, seguido da átona permanente. Por conseguinte, a atonicidade da vogal é um fator importante.

Ao considerar os resultados generalizáveis referentes aos condicionamentos da regra variável de HV, a presente pesquisa, realizada com dados de fala de jovens de Porto Alegre permite duas generalizações:

- i) com relação à contiguidade, os valores encontrados nesta pesquisa em comparação a pesquisas precedentes confirmam que é um fator relevante para a regra de HV;
- ii) para a atonicidade, os valores generalizáveis referem-se à vogal alvo não derivada, isto é, sem status definido e átona permanente.

7. Considerações finais

Este estudo teve por objetivo descrever e analisar a HV no português falado por jovens em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, fenômeno característico da pauta pretônica, em busca de generalizações possíveis com estudos anteriores.

A taxa de aplicação da regra variável é relativamente baixa nesta amostra, uma vez que apresenta proporção de 18% para a vogal /o/ e 22% para a vogal /e/. Esses valores baixos diferem de algumas análises anteriores, porém há precedentes.

No que concerne o papel desempenhado pelos fatores, a análise estatística indicou que a elevação de /o/ é favorecida nos seguintes contextos: consoante labial ou velar precedentes e consoante alveolar ou alveolar sibilante [s, z] seguintes. A heterorganicidade mostrou-se efetiva para o alçamento de /o/, o que se explica pelo poder de assimilação da vogal /i/.

Quanto à vogal média /e/, a heterorganicidade mostra-se também um fator relevante, diferentemente de pesquisas anteriores, o que justificamos pela frequência de itens lexicais de aplicação quase categórica nesta amostra. A vogal /e/ é favorecida principalmente por: consoante precedente sibilante [s, z] e velar; e no contexto seguinte por consoantes velares.

A elevação de ambas as vogais /e/ e /o/ é favorecida pela contiguidade, por sílabas sem coda, e pela atonicidade da vogal, isto é, átona sem status definido (de verbos) e átona permanente.

O papel desempenhado pelas variáveis sociais foi selecionado como relevante pelo programa estatístico, mostrando que o alçamento é relativamente mais acentuado para indivíduos do gênero feminino. Embora não haja um diferencial representativo na estratificação na escolaridade, há um uso relativamente maior da regra pelos pré-vestibulandos.

Com base em estudos feitos no Rio Grande do Sul sobre a HV, tentamos, por meio de um estudo comparativo, buscar as generalizações possíveis. A análise permitiu duas: a contiguidade e a atonicidade da vogal alvo condicionam a aplicação da regra.

Em suma, os resultados mostraram que a regra mantém-se como variável estável no português falado por jovens em Porto Alegre, assim como verificado em amostras precedentes. Uma amostra maior poderia trazer resultados mais sólidos, mas tudo indica que as generalizações aqui alcançadas constituem condicionamentos básicos da harmonia vocálica.

Referências bibliográficas

BAILEY, G.; TILLERY, J. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FOUGHT, C. (ed.). **Sociolinguistic Variation: Critical Reflections**. New York: Oxford University, 2004. p. 11-30.

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. Rio de Janeiro. Tese de doutorado, 1981.

CASAGRANDE, G. P. B. **Harmonização vocálica** : análise variacionista em tempo real. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. 2004.

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. **Variable rules**: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, Baltimore, v.50, n.2, p. 333-355, 1974. **crossref** <http://dx.doi.org/10.2307/412441>

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**, London, n.2, p. 225-252, 1985.

CLEMENTS, G.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.

CRUZ, M. C. **As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente** [documento impresso e eletrônico]. Porto Alegre. Dissertação de mestrado, 2010.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental phonology**. New York, NY: Garland, 1979.

JOHNSON, D. E. **Rbrul Manual**. Disponível em: http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html. Acesso em 16 de nov. de 2015.

JONES, D. **An outline of English phonetics**. Cambridge: Heffer & Sons, 1957.

KLUNCK, P. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente** [documento impresso e eletrônico]. Porto Alegre. Dissertação de mestrado, 2007.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. 1966.

_____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *In: Language in the inner city*. p. 715-762. 1969. **crossref** <http://dx.doi.org/10.2307/412333>

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Principles of Linguistic Change – Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

_____. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, A. P. C. da. **Elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas entre os jovens porto-alegrenses**. 2014. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SCHWINDT, L. C. da S. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país**: uma análise variacionista. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.161-182, 2002.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

VAN DER HULST, H.; VAN DE WEIJER, J. Vowel Harmony. In: GOLDSMITH, J. (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.

Artigo recebido em: 25.11.2015

Artigo aprovado em: 07.04.2016